

# Nunca é tarde demais para SONHAR

SHERRY BUCHANAN

**N**AQUELA madrugada, Lois Prater foi acordada pelo barulho de ratazanas atravessando o chão de madeira sob sua cama metálica de campanha. Passando a mão pelos caracóis grisalhos de seu cabelo, a missionária americana levantou-se e começou a preparar suas lições semanais sobre a Bíblia enquanto o tempo ainda estava relativamente agradável. Daqui a pouco, a remota cidade de Orion, nas Filipinas, seria envolvida por um calor e uma umidade sufocantes, e a espartana casa de dois andares do pastor Olan Quilatan não dispunha de banheira, chuveiro nem ar-condicionado. «Nunca me habituari a este clima», pensou Lois.

Mais tarde, nessa manhã desagradavelmente quente de 1990, apareceu um casal à sua porta vestindo camisetas e calças rasgadas. A mulher transportava ao colo uma bebezinha que não teria mais de 4 meses, enrolada num pano de saco. Lois viu o pastor dialogar com o casal em

É um erro subestimar o poder de um sonho.

sua língua nativa, o tagalogue. «Eles têm mais seis filhos, estão desempregados e não têm como alimentá-los», explicou-lhe o pastor. «Perguntam se a senhora americana não lhes quer comprar a bebê por 1000 pesos (cerca de 40 reais).»

«Lamento», retorquiu Lois, atordoadada com a proposta. Em vez de aceitá-la, colocou-lhes nas mãos 300 pesos e um saco de comida. «O que vai ser daquela criança?», perguntou-se, limpando as lágrimas.

Foi então que se lembrou de uma promessa que fizera: «Um dia ainda vou abrir um lar para crianças pobres.» Mas aquilo não passara de uma promessa feita por uma menina de 6 anos, não pela viúva de 78 que agora era.

**E**M CASA do pai de Lois, Jacob Seccrist, pastor da Igreja das Assembleias de Deus, as visitas de missio-

nários eram freqüentes. Muitos traziam histórias de um mundo muito distante das pequenas fazendas e pomares de macieiras bem cuidados de Olympia, no estado de Washington. Mas nenhum deixou impressão mais marcante que uma jovem bonita e solteira: Lillian Trasher.

Lois, sua irmã Verna e o irmão Hubert ficaram fascinados com as histórias que Lillian contou do Egito, a terra dos faraós, e Asyut, uma cidade às margens do Nilo, 400 km a sul do Cairo. Relatou também os casos de bebês órfãos abandonados para morrer e crianças deixadas à sua sorte em ruas secundárias, estreitas e sujas.

Sozinha num país estrangeiro, Lillian ouvira muita gente dizer-lhe que seria impossível abrir um orfanato para essas crianças. A jovem missionária chegou a ser atacada por moradores agressivos, que até cuspiram nela. Mas não desistiu e acabou por conseguir.

Quando visitou Olympia para angariar fundos, já tinha o orfanato há sete anos, albergando mais de 50 crianças. Transcorria o ano de 1918. «Uma menina americana é capaz de fazer o que quer que seja se for persistente», disse ela a Lois e Verna.

Lois ficou totalmente enfeitiçada por Lillian. Durante os meses que se seguiram, ela e Verna fizeram de conta que suas bonecas eram órfãos, tratando-as da maneira que imaginavam que Lillian tratava suas crianças. E a futura missionária fez saber um dia que também queria ter um orfanato.

Na adolescência, Lois voltou suas atenções para o trabalho missionário. Após freqüentarem o Instituto Bíblico de Glad Tidings, Verna e ela se tornaram pastores adjuntos numa pequena igreja do Oregon. Mas a vida deu uma volta inesperada: Verna casou-se, abandonando o púlpito, e Lois apaixonou-se por Galon Prater, trabalhador de uma fazenda, homem de boa aparência, com quem casou.

O país viu-se então assolado pela Grande Depressão, e Galon teve sorte de encontrar trabalho na construção. Pouco depois, o jovem casal já tinha três filhas para criar: Barbara, Bonnie e JoAnn. A família mudava-se para onde Galon arranjas-se trabalho.

**C**ERTO dia, no início da década de 50, Lois vagueava por uma livraria em Seattle quando uma pequena biografia lhe chamou a atenção. Tinha o título de *A Mãe do Nilo* e na capa verde e branca havia uma fotografia de Lillian Trasher, fato que a estimulou ainda mais. Lillian era agora uma bela mulher, mais velha, com o cabelo embranquecendo. Comprou o livro e ficou sabendo que ela alimentara, vestira e educara mais de 5000 crianças desde que a conheceu. «Também eu poderia ter seguido esse caminho», pensou. E começou a chorar.

No final da década de 60, Lois e Galon Prater retiraram-se para dois acres de terra arborizada na zona de Lake Stevens, 45 km a norte de Seattle. Agora já tinham netos com

quem se preocupar e Lois ensinava catequese, mas essa vida confortável terminaria quando Galon adoeceu com um enfizema e morreu em 1988.

Desgostosa, a viúva de 76 anos preparava-se para uma nova vida sozinha quando viu por acaso uma entrevista na TV na qual um pregador pedia voluntários para uma breve missão na Ásia. «Será que me atrevo com esta idade», perguntou-se ela.

Seu pensamento voou então para Lillian Trasher. «Uma menina americana é capaz de fazer o que quer que seja se for persistente.» Enchendo-se de coragem, discou para o tal telefone e alistou-se.

Dois meses antes da partida, porém, sofreu um ligeiro ataque cardíaco. Pouco depois, regressava ao hospital uma segunda vez, sentindo falta de ar. Agora, só lhe restava rezar.

Vários dias depois, seu médico entrou no quarto, trazendo consigo os resultados dos exames. Apesar do receio que tinha do veredicto, ela percebeu que o rosto do médico demonstrava surpresa. «Não encontro sinais de bloqueio», anunciou ele, sacudindo a cabeça. «A senhora parece ter as artérias de uma jovem de 18 anos.»

«Deus concedeu-me um milagre», acreditou Lois, e, em agosto de 1988, embarcou na missão.

Seu grupo pregou em Taiwan e em Hong Kong, mas foi nas Filipinas que a nova missionária se sentiu mais tocada. Eram dezenas de

milhares as crianças que viviam nas ruas, muitas abandonadas por pais na miséria ou que as maltratavam.

«Há por aqui tanta necessidade», pensou Lois, prometendo regressar. E voltou mesmo, em janeiro de 1989, pregando nas igrejas das redondezas ao longo de um ano.

**F**OI EM sua terceira viagem às Filipinas, em 1990, que o pobre casal tentou vender-lhe a bebê. A partir desse momento, Lois sentiu uma convicção crescer dentro de si: fosse de que maneira fosse, ia abrir um orfanato.

Voltando aos EUA, viu-se confrontada com a família: «Na sua idade?», perguntou-lhe Hubert, seu irmão. «E se você adocece outra vez? Nem pense que por lá se arranja um bom médico!»

Os vizinhos foram menos delicados: «Sua mãe enlouqueceu?», perguntou uma mulher a Bonnie, filha de Lois.

Mas ela estava decidida. No espaço de algumas semanas, vendeu a casa e organizou um grande bazar, observando do jardim as recordações de toda uma vida serem levadas para longe. Em 1991, com 20 000 dólares, embarcou num jato com destino a Manila.

Uma vez chegando, procurou um local próximo de Orion. O único que encontrou dentro de suas poses era um pedaço de selva situado cerca dos primeiros contrafortes do monte Samat. Custava 450 mil pesos (17 200 dólares). Além disso, a região estava infestada de revoltosos

comunistas, que já haviam trucidado vários civis. O comandante provincial em Bataan, coronel Enrique Galang Jr., alertou-a quanto à falta de segurança.

«Mesmo assim já decidi que vou comprar», retorquiu ela, serena. Ao ver o olhar destemido daquela mulher, Galang prometeu protegê-la se, em troca, ela falasse a seus homens acerca do poder da fé. Lois aceitou, e suas sessões transformaram-se num ritual semanal para policiais e soldados.

Posteriormentê, a missionária voltou aos Estados Unidos, na primeira de muitas viagens para angariação de fundos. Os grupos de fiéis com quem falava receavam muitas vezes doar dinheiro a alguém de sua idade, mas, aos poucos, os donativos foram crescendo.

Tarefa ainda mais difícil foi lidar com a burocracia filipina. Lois teria de se inscrever como empresa na Comissão de Seguros e Câmbio, em Manila. Isso implicava uma viagem de três horas de ônibus, sob um calor tórrido, através dos subúrbios da cidade, às quais se seguia mais uma hora num táxi conversível e superlotado, os *jeepneys*.

Na primeira visita, um funcionário deu-lhe uma grande pilha de formulários para preencher. Na segunda, Lois ficou sabendo que faltavam dados adicionais. Na terceira, outro funcionário lhe disse que eram necessárias certas assinaturas, que ela não tinha. E assim se passaram mais de dez meses até estar tudo legalizado.

Mas foram só os primeiros problemas. Ela teria de pagar 10 400 dólares pela puxada de eletricidade, soma exorbitante. Necessitava ainda de uma assistente social licenciada, mas as agências de assistência social lhe disseram que ninguém queria ser colocado numa província tão distante. Sempre que sua frustração se transformava em desespero, ela recordava as provações que Lillian Trasher enfrentara.

**A**LGUM tempo depois, Lois conheceu um empreiteiro, Ed Bacani, que era também pastor das Assembléias de Deus. Olhando para o projeto do orfanato por ela meticulosamente desenhado, Bacani pensou: «Esta senhora idosa está disposta a sacrificar tudo o que tem para auxiliar meu povo», e, lisonjeado, aceitou logo a empreitada.

Todos os dias, cedo pela manhã, Lois ia até o terreno coberto de mato, e, apesar de sofrer de artrite nas mãos, trabalhava sob o sol abrasador ao lado dos homens de Bacani, ajudando-os a limpar o terreno. Os trabalhadores chamavam-na de Lola, o que significa «avó». Em maio de 1992, dava-se o lançamento da pedra fundamental.

O Lar Infantil Jardim do Rei acabou de ser construído em fevereiro de 1994. A casa, com seu estuque branco, ficou com seis quartos, uma sala de aula, uma cozinha em estilo americano e uma lavanderia (espaço suficiente para 30 crianças). Ed Bacani deu-lhe um toque pessoal seu, oferecendo um bonito chão de pe-

dra polida. E conseguiu-se uma assistente social.

Por fim, chegou o dia em que as crianças necessitadas entraram pelos portões do Jardim do Rei. Alvin, de 18 meses, foi o primeiro. O pequeno encontrava-se numa situação terrível: o pai, acusado de um crime violento, estava detido, e a mãe mal tinha dinheiro para comer. Quando a criança, ainda quase sem cabelo, chegou, sofria de bronquite, mas pouco depois já devorava a comida saudável do lar e brincava num quarto cheio de brinquedos.

Pouco depois, juntou-se a ele uma família de três irmãos e uma irmã: Dandel, de 8 anos, Budoy, de 6, David, de 3, e Marie, de 10. O pai, que os criava sozinho, sofria de alcoolismo.

Os meninos chegaram com chagas abertas, enquanto a pequena tinha lêndeas e piolhos. Foram todos rapidamente ensaboados numa ducha, a primeira que tomaram em toda a sua vida.

Rose, uma pequena de 18 meses e aspecto simpático, foi a seguinte. Chorava constantemente, até que, num exame médico, se descobriu que sofria de bronquite já em estado avançado. Resolvido o problema, a pequena desenvolveu-se, revelando sempre ser uma pessoa alegre.

Conforme a existência do Jardim se foi tornando conhecida, os pais carentes de meios começaram a chegar, implorando a Lola que aceitasse seus filhos. No espaço de alguns meses, a instituição tinha já 14 crianças, com idades entre os 9 dias e os

10 anos. A filha de Lois, Bonnie, enfermeira experiente, juntou-se à mãe para abrir uma pequena farmácia. Um médico de Orion, ali próximo, ofereceu-se para dar consultas gratuitas, e começaram a chegar muitas crianças com manchas nos pulmões, parasitos e lombrigas. A maioria curou-se.

**P**ARA Lois Prater, nada tem sido mais gratificante que ver crianças marginalizadas e traumatizadas emergirem de suas conchas e começarem a crescer. Sempre que possível, Lois tenta juntá-las novamente à família. Quando tal coisa não acontece, satisfaz-lhes as necessidades básicas e dá-lhes educação.

O dinheiro é uma preocupação constante, uma vez que o Jardim do Rei depende apenas de donativos



de particulares. Mas a fé de Lois em Deus é forte, tal como seus poderes de persuasão. Hoje, o Jardim alberga 33 crianças, existindo um projeto de se construir um novo dormitório, que albergará 200 mais.

Sob o cuidado de Lois, as crianças têm a segurança de um ambiente de amor e um regime fixo. De manhã, há escola para os mais velhos e brincadeiras acompanhadas, inclusive meia hora de canto.

Sempre que consegue libertar-se da angariação de donativos e do trabalho burocrático, Lois leva as crianças em grandes passeios durante a tarde. Os pequenos se agrupam então em seu redor, ávidos de lhe contar como foi seu dia. Periodicamente, Lois leva-os em excursão na *van* do abrigo.

Quando a noite cai, os pequenos vão para dentro e lêem histórias da Bíblia. As noites de Lois também terminam com alguns minutos de leitura desse mesmo livro. Por vezes, imediatamente antes de apagar a luz, ela pega um livro usado, com capa verde e branca já esbatida: o seu exemplar de *A Mãe do Nilo*.

Há pouco tempo, num grande jantar de estilo familiar, um menino se chegou a ela. «Sou tão feliz aqui», disse. «Agora já não batem em mim.» Envolvendo-o nos braços, Lois apertou-o contra si. Acabava de compreender que aquilo era a realização de seu sonho, inspirado por Lillian Trasher há sete décadas. Com a ajuda de Deus, os sonhos tornam-se efetivamente verdadeiros. Seja em que idade for.

FOTO: CORTESIA DE LOIS PRATER



## ***Não dá pra esperar***

NA INTRODUÇÃO do *World Almanac Guide to Good Word Usage*, Edwin Newman exprime o ponto de vista do editor a respeito deste milênio: «O primeiro século começou a 1 de janeiro do ano 1 d. C., pelo que o século XX só acabará no fim de 31 de dezembro do ano 2000 e o século XXI só começará no dia 1 de janeiro de 2001. E não, repito, não no dia 1 de janeiro de 2000, como diz o comum das pessoas.»

Essa gente vai perder as festas todas! Os fanáticos da língua e os observadores minuciosos dos calendários podem ter toda a razão, mas a grande festa vai ter lugar em Times Square à meia-noite do dia 31 de dezembro de 1999. Uma tal correção lingüística e matemática será completamente derrubada e espezinhada sob os cascos de uma manada feliz e mal informada, que deixará apenas um pequeno núcleo de manifestantes a favor da pureza da língua com uma expressão inflexível na cara e segurando cartazes dizendo «Ainda não», por entre os celebrantes do novo milênio, banhados em champanhe.

— William Safire, *In Love with Norma Loquendi* (Random House)